

A cartografia possível de um herói discreto

No ano em que se comemora o cinquentenário do 25 de Abril, Ricardo Simões revisita uma peça que criara a partir do livro de memórias de Salgueiro Maia, e faz um espectáculo sobre a experiência de ter interpretado esse texto, intitulado *Salgueiro Maia: Cartografia de um monólogo*, em cena nos dias sete, nove e onze na Academia Almadense. No livro *Capitão de Abril - Crónicas do Ultramar e do 25 de Abril*, Fernando José Salgueiro Maia (1944-1992) relata a experiência da Guerra Colonial, onde comandou a 9.ª Companhia de Comandos, 'Os fantasmas', na Guiné. De alguma forma, sente-se na descrição da guerra e das suas iniquidades o germinar do sentimento de revolta que viria a culminar anos depois na metrópole, na madrugada de 25 de Abril de 1974. A descrição de alguns dos seus camaradas mortos em combate termina, por exemplo, com o seguinte desabafo: "Não entendo".

Dez anos passados sobre a es-

treia desse espectáculo original intitulado *24A74*, Ricardo Simões regressa a esse material para levar à cena uma autoficção teatral: contar a história das representações dessa peça, apresentada um pouco por todo o País e no estrangeiro. Desde ex-combatentes que se sentiram mal durante a representação, ou uma actuação em São Paulo, com uma réplica do bacamarte do Pirata das Caraíbas a fazer as vezes de adereço cénico (no texto explicar-se-ão as razões desse episódio), ou o pavor de um dos técnicos, receando a recepção da peça por parte do "exigente público de Almada" — de tudo um pouco aconteceu durante a carreira dessa criação.

Mas o que terá estado na origem desta revisitação, em forma de cartografia, foi a reacção do público, no final das representações. Invariavelmente, havia vontade de dialogar com o intérprete, sozinho em cena. "Quando se diz algo aos espectadores, eles podem ter vontade de responder", diz Ricardo Si-



© João Oriantes

mões — e foi o que aconteceu. Esta cartografia teatral resulta num exercício de empatia: o guião da peça passa de mão em mão, pelo público, que também é chamado a ler, se quiser.

No final, como não podia deixar de ser, há ainda espaço para perguntas e comentários sobre o legado do herói que na manhã da

Revolução, após ser fotografado por Alfredo Cunha, lhe confidenciou: "Vamos lá a ver como isto corre". Anos mais tarde, já perto da morte, terá dito a um grupo de amigos: "Não se preocupem com o local onde sepultar o meu corpo — preocupem-se antes com aqueles que querem enterrar aquilo que eu ajudei a construir".

Uma Formiga Atómica contra o fim do Mundo



© Patrícia Poção

Com algum atraso (Ponte 25 de Abril *oblige*), Inês Barahona e Miguel Fragata falaram sobre o espectáculo que abriu esta edição do Festival: *Terminal (O Estado do Mundo)*.

A partir da ideia de "terminal como lugar de viagem" lançada pela moderadora, Maria João Guardão, Miguel Fragata começou por fazer um *raccord* deste

projecto, que se iniciou em 2021, com *Quando acordas*, enfatizando a "tomada de consciência como premissa para se ter uma opinião e uma posição sobre o tema da crise climática". Para *Terminal*, referiu, queria-se "algo menos objectivo, menos concreto", algo que seria tanto mais rico, disse, "quanto mais distante das observações resultantes do trabalho de campo

prévio feito". Tudo no sentido de se obter um espectáculo mais metafórico e simbólico.

Inês Barahona, por seu turno, debruçou-se mais sobre o processo criativo, ou seja, a gestação e crescimento do espectáculo até adquirir a sua configuração final. Nesse passo, destacou o ADN da companhia Formiga Atómica, que comparou a um conjunto de máquinas interdependentes, mutuamente se alimentando, mas "onde se aceita o tecido com defeito". E, mais tarde, o seu trabalho solitário de apalpação, perscrutação e definição da linguagem do espectáculo, no que aproveitou para agradecer a "pancada" e as "provocações" que Miguel Fragata lhe "deu" nessa etapa, guiando-os a ambos o propósito de tornar o espectáculo algo de vivo. Na consciência de que *Terminal* deveria conseguir

responder a duas questões: "O que tem o Teatro que ver com a crise climática?" e "De que lugar fala o Teatro sobre este tema?"

Respondendo a uma pergunta vinda do público, ressaltou a ideia de Teatro como "pacto de sonho comum" e a preocupação de, para *Terminal*, encontrar um 'tempo teatral' que "fosse menos o tempo humano e mais o tempo das árvores, das flores, dos elementos", uma ideia, acrescentaram, depois plasmada na cenografia, com destaque para a enorme raiz de árvore que domina o espaço cénico.

Houve ainda tempo para uma referência aos figurinos criados por José António Tenente, os quais, disseram-nos, "foram todos feitos a partir de peças já existentes", sendo, por isso, "o supra-sumo da reciclagem".

Bernardo Mariano

Da outra senhora ao tempo novo

Ontem quem ocorreu à inauguração da exposição *25 de Abril: Os dias, as pessoas e os símbolos* teve uma visita guiada por José Pacheco Pereira, que nos dirigiu pelos diversos objectos e primeiras páginas de jornais, tanto nacionais como estrangeiros, expostos no foyer do TMJB.

Pudemos verificar, por exemplo, que na primeira página do jornal *República* da primeira edição em liberdade — logo na Quinta-feira, dia 25 de Abril de 1974 — se pode ler a seguinte frase: “ESTE JORNAL NÃO FOI VISADO POR QUALQUER COMISSÃO DE CENSURA”. Também publicações estrangeiras

deram grande destaque a Portugal e à sua Revolução, de forma mais ou menos entusiástica, consoante se tratasse, por exemplo, da África do Sul, ainda a viver um regime de *apartheid*, ou da nossa vizinha Espanha, também em ditadura, e em oposição a países onde a democracia já era uma realidade.

Podemos também encontrar nas capas dos jornais fotografias dos momentos marcantes do ‘dia inicial inteiro e limpo’ como, por exemplo, no *Diário Popular*, em que vemos Salgueiro Maia de braços abertos, sozinho, a enfrentar as forças contrarrevolucionárias. Nas vitrines junto ao corredor para a Sala Experimental estão expostos objectos e propaganda, alguma muito artesanal, de apoio aos movimentos políticos que foram surgindo logo após a Revolução. Deparamo-nos ainda com a liberdade e liberalidade de costumes, patentes nas capas da revista *Gaiola Aberta*, de Vilhena.

Na Galeria do Teatro está patente a reprodução do ‘Mural de Alcântara’, pintado logo após o 25 de Abril, por Francisco Ariztía, mais conhecido por ‘Pancho’ entre os artistas plásticos. ‘Pancho’, falecido em 2022, foi um chileno exilado em França, após o golpe de Pinochet. Quando se apercebeu da Revolução portuguesa, veio imediatamente para o nosso País.

Noémia Ariztía, a viúva do pintor, falou-nos sobre deste mural, e de como essa pintura se manteve imaculada durante vários anos, no Largo do Calvário, em Lisboa. *Do tempo da outra senhora ao tempo novo*, que é o título atribuído por Ariztía ao seu mural, consiste num hino à liberdade. Esta exposição está patente no foyer do TMJB e na Galeria do Teatro até dia 27 de Outubro, com entrada gratuita.

Miguel Martins



José Pacheco Pereira comentou algumas das capas e manchetes expostas no foyer.



Noémia Ariztía junto à reprodução do Mural de Alcântara, exposta na Galeria do Teatro.



Esta é a terceira das quatro exposições que este ano a CTA co-apresenta com o Ephemera.

Assinaturas esgotadas, mas ainda há bilhetes

Apesar de as Assinaturas para todos os espectáculos terem esgotado, ainda é possível adquirir bilhetes para: *Sans tambour, Crisi di nervi, Além da dor, Remédio, e Salgueiro Maia: Cartografia de um monólogo*. Estas entradas podem ser compradas online ou na bilheteira do Teatro Municipal Joaquim Benite, aberta todos os dias do Festival entre as 13h00 e as 22h30.

Para os espectáculos do Palco Grande a bilheteira da Escola D. António da Costa abre uma hora antes do início da peça. Para mais informações: 212739360 | 917433120 | ctalmada.pt.

AGENDA DE AMANHÃ

15:00 e 21:30 | Teatro

La tempesta

Fórum Municipal Romeu Correia

15:00 e 21:30 | Teatro

Jogging

Incrível Almadense

18:00 | Teatro

Salgueiro Maia: Cartografia de um monólogo

Academia Almadense

20:00 | Música

Quarteto dela

Escola D. António da Costa

21:30 | Teatro

Além da dor

Teatro Municipal Joaquim Benite

RESTAURANTE DA ESPLANADA

HOJE

Vaca estufada com cerveja e ameixas

Lasanha de bacalhau

Salada de feijão preto

AMANHÃ

Arroz de pato

Pescada gratinada

Massa soba com beringela e manga

DEIXA DO DIA

“Tudo o que vem do céu é bom - até a caca de pombo”.

In *Jogging*,
de Hanane Haji Ali